

A EJA COMO ESPAÇO DE APRENDIZAGEM E HUMANIZAÇÃO: REFLEXÕES A PARTIR DO PIBID

Anna Kamylylly Teixeira Santos ¹
Marilândia Martins de Almeida Machado ²
Cledimar Neves de Melo ³

RESUMO

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar as vivências formativas no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), vinculadas ao curso de Pedagogia, com ações desenvolvidas na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA). As atividades ocorreram semanalmente, no turno noturno, com a turma da 1º série da EJA, e envolveram observações, planejamento colaborativo, intervenções pedagógicas, elaboração de materiais didáticos e participação em eventos escolares. A atuação foi pautada em uma abordagem freiriana, que valoriza a escuta, o diálogo e o respeito às trajetórias de vida dos sujeitos da EJA, reconhecendo-os como portadores de saberes e experiências. As práticas desenvolvidas buscaram promover uma aprendizagem significativa, respeitando o ritmo dos estudantes e considerando suas realidades sociais, culturais e afetivas. Entre os desafios enfrentados, destacam-se o cansaço físico dos alunos após a jornada de trabalho, a evasão escolar e as dificuldades relacionadas à defasagem de conteúdos. Apesar disso, observou-se um grande engajamento por parte dos estudantes, que demonstraram interesse e disposição para aprender. As ações no contexto do PIBID proporcionaram à licencianda o fortalecimento da identidade docente, além de contribuir para o desenvolvimento de competências como planejamento, mediação pedagógica, escuta ativa e sensibilidade às demandas do contexto escolar. A experiência possibilitou a construção de uma prática pedagógica mais crítica, reflexiva e humanizada, reafirmando o compromisso com uma educação pública de qualidade, inclusiva e transformadora. Por fim, destaca-se a importância de programas como o PIBID para o diálogo entre teoria e prática, favorecendo uma formação inicial docente que se conecte com os desafios reais da escola e valoriza a experiência como espaço legítimo de aprendizagem e crescimento profissional.

Palavras-chave: EJA, Pibid, Educação Pública, Prática Pedagógica.

INTRODUÇÃO

A formação inicial docente é um processo que exige articulação entre teoria e prática, favorecendo o desenvolvimento de competências pedagógicas, reflexivas e humanas

¹ Graduanda do Curso de pedagogia do Instituto Federal de Rondônia - RO, annakamyly@gmail.com;

² Graduada Licenciatura em Pedagogia pela Universidade Federal de Rondônia - UNIR, Supervisora do Pibid Pedagogia, cledimarmelo23@gmail.com;

³ Mestre em Educação, Professora do Ensino Básico, Técnico e Tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Rondônia, IFRO, coordenadora de área Pibid - Pedagogia, Campus Porto Velho Zona Norte, marilandia.machado@ifro.edu.br.





necessárias à atuação no contexto escolar. Nesse sentido, o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) constitui-se como política pública voltada à aproximação do licenciando com a realidade da educação básica, oferecendo oportunidades para vivências formativas que dialogam diretamente com os desafios e potencialidades da prática pedagógica.

A Educação de Jovens e Adultos (EJA), por sua vez, é uma modalidade que atende sujeitos com trajetórias escolares interrompidas, marcada por contextos sociais diversos e por necessidades específicas. A atuação nessa modalidade exige, do professor, sensibilidade, escuta ativa e compreensão das singularidades dos educandos, valorizando suas experiências de vida como ponto de partida para a construção do conhecimento.

Este relato apresenta as experiências vividas por uma licencianda em Pedagogia, bolsista do PIBID, durante as intervenções pedagógicas realizadas junto à turma da 1º série da EJA em uma escola pública da rede municipal. O objetivo é compartilhar práticas, reflexões e aprendizagens construídas ao longo dessa vivência, evidenciando como a participação no programa contribuiu para o fortalecimento da identidade docente e para a compreensão dos desafios inerentes à EJA.

Metodologicamente, trata-se de um relato descritivo-reflexivo baseado em registros de observação, anotações de diário de campo e interações diretas com professores e estudantes. Entre os principais resultados observou-se o engajamento dos alunos, avanços na participação e no desempenho em atividades, e a importância do vínculo afetivo no processo de ensino-aprendizagem. Conclui-se que experiências como esta são fundamentais para a formação inicial docente, pois permitem vivenciar, refletir e ressignificar a prática pedagógica de forma crítica e humanizada.

METODOLOGIA

O presente trabalho configura-se como um relato de experiência, de natureza qualitativa e caráter descritivo-reflexivo, desenvolvido no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Pedagogia. As atividades foram realizadas semanalmente, no turno noturno, junto à turma da 1ª série da Educação de Jovens e Adultos (EJA) de uma escola pública da rede municipal.

A turma atendida é marcada por uma rica diversidade: reúne estudantes com idades entre 20 e 80 anos, trabalhadores que retornaram à escola após longos períodos de





afastamento, além de alunos haitianos, que frequentam a EJA com o propósito de aprender a língua portuguesa, e alunos surdos, cuja participação exige adaptações comunicativas e práticas inclusivas. Essa composição plural orientou toda a observação e planejamento, exigindo sensibilidade, escuta ativa e flexibilidade pedagógica.

Os procedimentos metodológicos envolveram observação participante, registros em diário de campo, análise das interações cotidianas, planejamento colaborativo com a supervisora do programa e elaboração de materiais didáticos contextualizados. As intervenções pedagógicas foram planejadas considerando o ritmo, a realidade sociocultural e as necessidades específicas dos estudantes, buscando promover uma aprendizagem significativa e dialógica.

Além das práticas em sala, o trabalho incluiu participação em eventos escolares, como a feira de interculturalidade, que possibilitaram compreender de forma mais ampla o funcionamento da escola e o protagonismo dos estudantes. A sistematização da experiência ocorreu por meio de registros reflexivos que permitiram analisar, interpretar e organizar as vivências, compondo o relato apresentado neste artigo.

REFERENCIAL TEÓRICO

A formação docente é um processo contínuo e dinâmico, construído a partir da articulação entre conhecimentos acadêmicos, experiências práticas e vivências pessoais. Como aponta Tardif (2014), os saberes docentes não são homogêneos, mas resultam de múltiplas fontes: a formação inicial, as práticas de sala de aula, o contato com outros profissionais e as experiências de vida. Dessa forma, compreender a docência implica reconhecer que o professor se constitui ao longo de toda sua trajetória, em um movimento permanente de aprender e reaprender.

O Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) se insere como política pública que busca fortalecer essa formação, criando oportunidades para que o licenciando vivencie, desde cedo, a realidade escolar. Essa inserção precoce no espaço educativo permite não apenas aplicar os conhecimentos adquiridos na universidade, mas também confrontá-los com as demandas concretas do cotidiano da sala de aula, favorecendo a construção de uma prática mais crítica e reflexiva (BRASIL, 2025).

No contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA), essa experiência ganha relevância singular. A EJA, conforme estabelecido pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional





(LDB, Lei nº 9.394/1996), deve respeitar as características dos educandos, considerando suas trajetórias, interesses e condições de vida. Isso significa que o professor que atua nessa modalidade precisa desenvolver competências que ultrapassem o domínio do conteúdo, incluindo empatia, flexibilidade e sensibilidade para lidar com histórias marcadas por exclusão escolar, interrupções de estudo e desafios socioeconômicos.

Nessa perspectiva Freire (2016, p. 78) afirma que a educação deve ser um ato dialógico e libertador, no qual o professor reconhece e valoriza os saberes prévios do educando, estimulando-o a ser sujeito ativo no processo de aprendizagem. Para o autor, a leitura do mundo antecede a leitura da palavra, e é a partir dessa compreensão que a escola pode construir práticas pedagógicas mais significativas, ligadas à realidade do aluno.

Além de Freire, autores como Arroyo (2017) destacam que a EJA é um espaço de resistência e afirmação de direitos, no qual se materializa o direito à educação ao longo da vida. O reconhecimento do aluno da EJA como portador de saberes e de uma trajetória única exige do professor uma postura investigativa e aberta, capaz de transformar cada experiência em oportunidade de diálogo e construção coletiva.

Outro ponto relevante é o uso de metodologias ativas e materiais contextualizados, que aproximem o conteúdo escolar da realidade do educando. Moran (2018, p. 17) destaca que, ao relacionar o conhecimento à vivência dos alunos, o professor favorece a motivação e o engajamento, tornando o processo de ensino-aprendizagem mais efetivo. Essa abordagem é especialmente importante na EJA, onde o tempo de aula é reduzido e a heterogeneidade da turma exige estratégias diferenciadas.

Assim, o PIBID, ao inserir o licenciando nesse contexto, contribui para ampliar sua compreensão sobre a função social da escola e sobre o papel do professor como mediador de aprendizagens e agente de transformação social. No caso da experiência relatada, a imersão na EJA possibilitou vivenciar na prática a importância de um ensino que reconhece e valoriza o sujeito em sua totalidade, fortalecendo vínculos, estimulando a autonomia e combatendo as desigualdades históricas que marcam o acesso à educação no Brasil.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise das experiências vivenciadas no âmbito do PIBID com a turma da 1ª série da Educação de Jovens e Adultos evidenciou um conjunto de aprendizagens construídas a partir da convivência com um grupo altamente diverso, composto por estudantes de 20 a 80 anos,





incluindo alunos haitianos em processo de aprendizagem da língua portuguesa e alunos surdos que demandavam estratégias comunicativas diferenciadas. Mesmo diante do cansaço físico decorrente das longas jornadas de trabalho, a maior parte da turma demonstrava interesse e presença constante nas aulas, embora muitos expressassem insegurança inicial, sobretudo em atividades que envolviam exposição oral. Comentários como “não sei falar direito” e “tenho vergonha de errar” evidenciavam as marcas deixadas por trajetórias escolares interrompidas e pela baixa autoestima acadêmica, aspecto que dialoga com Freire (2016), ao defender que tais barreiras podem ser superadas quando o educando encontra um ambiente de confiança e valorização de sua voz.

Ao longo das intervenções, os desafios do processo de ensino-aprendizagem tornaram-se evidentes, especialmente no que diz respeito à heterogeneidade da turma. Enquanto alguns estudantes apresentavam dificuldades básicas de leitura, escrita e cálculo, outros avançavam com maior desenvoltura. Os alunos haitianos necessitavam de mediação linguística para acompanhar as atividades, e os estudantes surdos exigiam recursos visuais, gestuais e adaptações que garantissem sua participação. Esse cenário exigiu flexibilidade pedagógica constante e ajustes no planejamento, reforçando a perspectiva de Perrenoud (2000) sobre a importância de práticas docentes que considerem diferentes ritmos e necessidades.

Apesar das dificuldades, as estratégias pedagógicas adotadas contribuíram significativamente para o engajamento e o desenvolvimento dos estudantes. Atividades dialogadas, produção de cartazes, debates e propostas contextualizadas favoreceram a expressão dos participantes e tornaram o conteúdo mais próximo de suas realidades, em consonância com o que defende Moran (2018) sobre a relevância do vínculo entre conhecimento escolar e experiências de vida. Um dos momentos mais significativos desse percurso foi a preparação e participação da turma na Feira de Interculturalidade da escola. O grupo da bolsista do PIBID ficou responsável pela organização do espaço dedicado ao Brasil, o que envolveu o estudo das regiões brasileiras, suas expressões culturais, símbolos e culinária. A construção coletiva de cartazes, a escolha de materiais e as conversas sobre memórias pessoais relacionadas ao país fortaleceram o sentimento de pertencimento dos estudantes.

A apresentação do jogral baseado na “Canção do Exílio” constituiu-se como ponto culminante dessa atividade. Alunos que antes demonstravam vergonha assumiram trechos do poema com segurança. Durante a feira, observou-se um notável avanço na confiança do grupo, que se apresentou ao público com orgulho. Após o evento, muitos estudantes relataram





sentir-se capazes e motivados, indicando que vivências práticas e coletivas podem contribuir para o fortalecimento da autoestima e do protagonismo na EJA. Esse movimento reforça o entendimento de Tardif (2014) de que a aprendizagem envolve também dimensões afetivas e sociais, fundamentais para a construção do sujeito.

A interação entre bolsistas, supervisores e estudantes possibilitou trocas enriquecedoras, fortalecendo o compromisso com a educação de qualidade e reafirmando o papel do PIBID como elo entre teoria e prática. A evolução da postura dos alunos, da insegurança inicial à confiança adquirida evidencia que a aprendizagem na EJA envolve não apenas aspectos cognitivos, mas também a reconstrução da autoestima e do pertencimento escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O desenvolvimento deste relato de experiência evidenciou que a participação no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) representa um marco na formação inicial do professor, sobretudo quando realizada em contextos desafiadores e enriquecedores como a Educação de Jovens e Adultos (EJA). A vivência proporcionou a oportunidade de articular teoria e prática de forma concreta, permitindo compreender, de modo mais profundo, a complexidade do trabalho docente e a importância de uma postura pedagógica humanizada.

Os resultados observados ao longo do percurso revelaram que, quando o processo de ensino-aprendizagem é pautado no diálogo, na valorização dos saberes prévios e na criação de espaços seguros para a participação, é possível romper barreiras emocionais e cognitivas. A transformação percebida nos estudantes, que passaram da insegurança inicial para um envolvimento mais ativo e confiante, especialmente após eventos como a feira escolar, demonstra o potencial das práticas integradoras para fortalecer a autoestima e o sentimento de pertencimento.

Para a comunidade científica, este relato reforça a importância de políticas públicas de incentivo à formação inicial que garantam a inserção dos licenciandos no espaço escolar, promovendo experiências supervisionadas e reflexivas. Além disso, aponta para a necessidade de aprofundar pesquisas sobre metodologias e estratégias específicas para a EJA, considerando suas singularidades e demandas.

Abre-se também um campo fértil para investigações futuras que explorem como eventos escolares e projetos coletivos podem contribuir para reduzir índices de evasão e ampliar o





protagonismo dos estudantes da EJA. O diálogo com os referenciais teóricos mobilizados confirma que a formação docente precisa estar ancorada em práticas críticas, sensíveis e socialmente comprometidas.

Conclui-se que a experiência no PIBID, mais do que um exercício formativo, configurou-se como um processo transformador tanto para a bolsista quanto para os estudantes, reafirmando que a educação é um espaço de construção coletiva, de superação de desafios e de afirmação de direitos.

REFERÊNCIAS

ARROYO, Miguel G. *Ofício de mestre: imagens e autoimagens*. 14. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

BAPTISTA, C. R. *et al.* *Inclusão e escolarização: múltiplas perspectivas*. 2 ed. Porto Alegre: **Mediação**, 2015.

BRASIL. Conselho Nacional da Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diretrizes Nacionais para Educação Especial na Educação Básica**. Diário Oficial da União, Brasília, 14 de setembro de 2001. Seção IE, p. 39-40. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>>. Acesso em: 06 mai. 2025.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Ministério da Educação. Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência – PIBID. Brasília, DF, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/capes/pt-br>. Acesso em: 13 ago. 2025.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 34. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2016.
MORAN, José Manuel. *Metodologias ativas para uma aprendizagem mais profunda*. São Paulo: Papirus, 2018.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. Petrópolis: Vozes, 2014.

